

Weaving memories: cearense lace from prainha as an instrument of memory crystallization

Pereira, Giovanna Lara Roha; Universidade Federal do Ceará. gio.lara.r.pereira@gmail.com¹

Abreu, Lucas da Silva; Universidade Federal do Ceará. luhsabreu@hotmail.com²

Santos, Raissa Moraes Santos; Universidade Federal do Ceará. raissamoraes@alu.ufc.br³

Orientadora: Mendes, Francisca R. Nogueira; Universidade Federal do Ceará.

franciscamendes@ufc.br

4

RESUMO

Este artigo estuda a relação entre artesanato, memória e a renda feita pelas artesãs da Prainha, em Aquiraz. Utilizando o método qualitativo e a pesquisa bibliográfica e documental, foram consultados estudos de roupa, cultura e memória, como Stallybrass (2008), Almeida (2011) e Jones (2000), bem como feita a análise de fotos, entre outros arquivos. Conclui-se que a transmissão da prática da renda de geração em geração fortalece a tradição local e a identidade, resgatando e construindo memórias.

Palavras-chave: Memória; Renda; Ceará.

ABSTRACT

This article studies the connection between handcrafts, memory and the lace made by the artisans of Prainha, in Aquiraz. Using the qualitative method and bibliographic and documental research, studies of clothing, culture and memory were consulted, such as Stallybrass (2008), Almeida (2011) and Jones (2000), as well as the analysis of photos, among other files. It is concluded that the transmission of the practice of lace from generation to generation strengthens the local tradition and identity, rescuing and building memories.

Keywords: Memory; Lace; Ceará.

¹ Estudante de Design-Moda Bolsista do Programa Extensão Tutorial na Universidade Federal do Ceará – gio.lara.r.pereira@gmail.com

² Estudante de Design-Moda Bolsista do Programa Extensão Tutorial na Universidade Federal do Ceará – luhsabreu@alu.ufc.br

³ Estudante de Design-Moda Bolsista do Programa Extensão Tutorial na Universidade Federal do Ceará – raissamoraes@alu.ufc.br

⁴ Professora do Curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC) desde 2009, onde desenvolve pesquisas e orienta trabalhos na área de história da moda, da indumentária, memória, trajetórias, narrativas, comportamento e consumo, entre outros. Foi representante no Colegiado Setorial da Moda, no Ministério da Cultura, de 2010 a 2014 e atualmente está na tutoria do Programa de Educação Tutorial PET Moda UFC. - franciscamendes@ufc.br

1. INTRODUÇÃO

A memória é uma das funções cognitivas mais complexas do aparelho sensível e motor humano. Baddeley, Anderson e Eysenck (2011, p.41-68) complementam sua complexidade, ao evidenciar a existência dos múltiplos arranjos e decodificações que compõem o sistema mnemônico. Estes apresentam a responsabilidade de armazenar e permitir a recuperação de lembranças. Como todo indivíduo é formado a partir das memórias que são cristalizadas ao longo de sua vivência, o ambiente que o cerca, bem como os elementos constituintes da mesma tornam-se essenciais como formadores e resgatadores da memória, “A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória” (BOSI, 1979. p.17).

Enquanto indivíduo inserido na sociedade, recordações e lembranças da mnemósine são influenciadas a partir dos relacionamentos micro e macrosociais a qual a pessoa participa ativamente, estes relacionamentos estão destinados a núcleos familiares, religião, classe social, profissão, afins. São estes ambientes tão característicos de convívio que permitirão a longevidade de aprendizados, agires e saberes, a qual ao longo do reexistir e resistir se tornam elementos de tradição, e de cultura.

De acordo com Silva (2000, p. 2), somos nós que fabricamos o conceito de identidade e diferença, no contexto de relações culturais e sociais. Dessa forma, o artesanato se caracteriza como uma forma de traduzir a identidade da população com elementos culturais que se contextualizam para as relações sociais.

A Prainha, situada no município de Aquiraz, Ceará, a cerca de vinte e seis quilômetros da capital Fortaleza, tem na pesca artesanal sua principal atividade econômica. Concomitante à pesca, ao longo de várias gerações, as mulheres locais desenvolveram, durante gerações, a produção da renda de bilro, que se tornou um símbolo de identidade e cultura na região. Observa-se a disseminação da técnica de renda, permitindo a transmissão dos conhecimentos e contribuindo para um efetivo resgate e construção da memória e cultura da comunidade.

2. MEMÓRIA CULTURAL E A PERPETUAÇÃO DE TRADIÇÕES

O ato mnemônico funciona como um banco de valores culturais estruturantes das práticas sociais necessárias ao coletivo, estando inscrita na cultura, e aglutinando processos de identidade e identificação.

A memória localiza, no presente, códigos e experiências culturais, “Sem memória, o presente de uma cultura perde as referências ideológicas, econômicas e culturais que a originaram” (BARROS, 1999, p. 35). Complementando Barros (1999), Chauí (1983, p. 53-76)



explica que a memória é consolidada como um trabalho sobre o tempo e não tempo, sendo capaz de “reconstruir passado, ressignificar presente e antecipar o futuro”



O passado não sobrevive as forças temporais, nem como é capaz de ser lembrado efetivamente. A imagem do passado revivido é diferente do passado experimentado, visto a necessidade natural do aparelho encefálico de esquecer determinados fatos e acontecimentos. Assumpção (2022) explica que o perigo do esquecimento da memória está atrelado ao fato de que o presente de uma cultura perde as referências ideológicas, econômicas e culturais que a originaram.

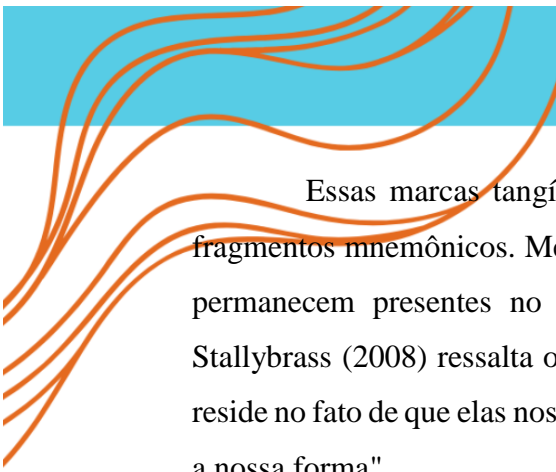
Quando uma tradição mnemônica entra no processo de desvanecimento, torna-se necessário criar “âncoras de lembranças”, incorporando a memória em certos valores a bens, coisas, objetos, artefatos, locais onde um “sentido de continuidade” permanece (NORA, 1984. p.23). Esses artefatos de memória afloram na medida em que não existem mais contextos reais de memória, mas, uma progressiva exteriorização das lembranças, aprisionadas e cristalizadas em arcabouços sígnicos. Assim, a memória abriga-se em signos físicos ou imateriais, a fim de dar continuidade ao passado, mantendo viva a cultura e tradição de um povo, de modo que não se esvai com o tempo.

3. COSTURANDO MEMÓRIAS: MODA E MEMÓRIA

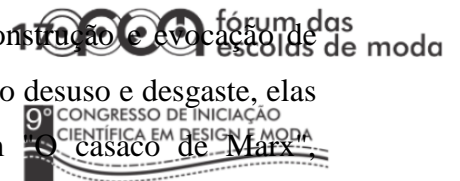
A roupa é o objeto mais próximo ao corpo do indivíduo. A ele cabe a função de proteger o corpo de ações externas e cobrir seu pudor. Devido a esta proximidade, a roupa torna-se um canal de comunicação não-verbal entre o corpo trajado e o ambiente que o cerca, podendo também ser capaz de expressar traços e características únicas do indivíduo. Castilho e Martins (2005) ressaltam:

Nascemos nus e vivemos vestidos. É justamente o modo como cobrimos e descobrimos nosso corpo que faz “a” diferença. A sociedade contemporânea, que tanto privilegia a imagem, a forma, os adornos e trajes como sistemas de significação, de caráter simbólico, é quem faz com que tipos de trajes e objetos readquiram uma grande importância (CASTILHO e MARTINS, 2005, p. 32).

Em complemento a Castilho e Martins (2005) sobre a importância da vestimenta, Nery (2015) afirma que objetos ligados aos indivíduos, especialmente aqueles que estão mais próximos do corpo, como roupas e indumentárias, podem adquirir um valor sensível, tornando-se um símbolo significativo para a pessoa. Portanto, por estar em contato direto com a pele, a vestimenta está sujeita a influências externas, adquirindo marcas físicas, simbólicas e temporais.



Essas marcas tangíveis e intangíveis contribuem para a constituição e evocação de fragmentos mnemônicos. Mesmo que as peças não estejam sujeitas ao desuso e desgaste, elas permanecem presentes no imaginário do aparelho cognitivo. Em *O Casaco de Marx*, Stallybrass (2008) ressalta o valor simbólico e mnemônico das roupas: "A magia das roupas reside no fato de que elas nos recebem: recebem o nosso cheiro, nosso suor; recebem até mesmo a nossa forma".



ola@grandesite.com.br

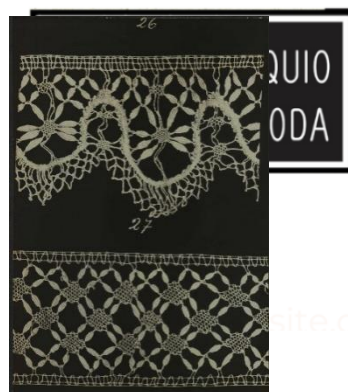
Devido a esta fluidez, é passível de conclusão que a moda tem a capacidade de flutuar entre o campo da vestimenta, bem como da memória. A roupa tem a capacidade de absorver e resgatar parte do "eu" que a veste, bem como ser um artefato de memória. Nora (1993, p. 28) complementa ao explicar que a memória se enraíza naquilo que se é concreto, em objetos que foram construídos não só na tangibilidade do ser, mas também no seu sentido. Neste sentido, artigos de moda transgredem seu escopo, sendo por assim, ferramentas de perpetuação de memória e tradições.

4. O ARTESANATO COMO ARTIGO DE MODA: CONTEXTO HISTÓRICO E A TÉCNICA DA RENDA DE BILRO

Existem diversas versões sobre a origem da renda de bilro, uma disputa entre Itália e Bélgica, que através de duas lendas tentam compor o que seria o início do desenvolvimento da técnica. Brussi (2009, p. 19) explica que na versão veneziana, uma moça tentou imitar os nós de um ramo de coral chamado "renda da sereia" que lhe foi presenteado, resultando na criação da renda. Enquanto a lenda de Flandres relata a promessa de uma moça pobre, que ao ver fios trançados em seu avental enquanto caminhava, conseguiu reproduzir o desenho e resolver os problemas financeiros de sua família ao criar a renda. Embora haja divergências sobre a origem da renda de bilro, é incontestável que essa técnica se espalhou por toda a Europa.

O contexto comercial desempenhou um papel importante na disseminação da técnica, uma vez que ela também foi adotada como um símbolo de status social, considerada uma peça de moda. A alta sociedade a tratava como uma forma de arte.

Figura 1 - Renda de Bilro



Fonte: "A renda de bilros e a sua aculturação no Brasil", escrita por Arthur Ramos e sua esposa Luísa Ramos.

A técnica da renda de bilro foi trazida para o Brasil através da colonização portuguesa. Ramos (1948) complementa que as rendas de bilros foram trazidas pelas primeiras mulheres portuguesas que chegaram ao país, juntamente de suas famílias, vindas de regiões de Portugal onde essa técnica era tradicionalmente praticada. Incorporada na cultura brasileira, a renda de bilro era cultivada pelas mulheres portuguesas nos conventos e foi passada de geração para geração através das mulheres mais pobres (RAMOS, 1948).

A arte então é um trabalho manual em que o modo de fazer é entrelaçado, quando um bilro vai para frente e outro vai para trás. O custo para se produzir a renda de bilro baixo, pois os materiais podem ser confeccionados ou encontrados com muita facilidade, mas é um trabalho artesanal que demanda técnica, sendo assim importante a valorização local. Nesse contexto, analisando a renda de bilro, percebe-se que se tem valor cultural, mas também é extremamente importante para o comércio local, juntamente do turismo e da moda que se relaciona com o setor comercial do estado (RIBEIRO, 2014), sendo um pilar para a economia local.

5. A TRADIÇÃO E MEMÓRIA ATRAVÉS DA RENDA DE BILRO DE AQUIRAZ

Segundo Silva (2000) é necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas, que sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados. O artesanato, por sua vez, apresenta-se como este dispositivo, capaz de criar tais laços, como dito por Silva (2000). Além a preservação da memória do trabalho artesanal é fundamental para as interações sociais entre os indivíduos. A transmissão dessa memória ao longo das gerações assegura a continuidade dos valores e experiências humanas, promovendo a coletividade entre diversos grupos sociais.

A Prainha, localizada em Aquiraz, Ceará, é um dos grandes polos da produção da renda de bilro no Nordeste. A venda da renda no Centro das Rendeiras da Prainha, junto com a atividade pesqueira, essa então praticada pelos homens, representa uma das principais fontes

de renda para as rendeiras locais, além de desempenhar um papel importante como um elemento cultural na região.



Figura 2 - Renda de bilro de aquara



Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/conheca-a-tradicao-da-renda-de-bilro-produzida-no-ceara>, 2022

A tradição da renda na região vai além do aspecto temporal, como destacado por Drummond (2006, p.56), ao afirmar que a cultura da renda de bilros é uma prática que vem sendo desenvolvida pelas mulheres da Prainha há tanto tempo, que dificultoso o processo de traçar seu início. Almeida (2011) complementa essa perpetuação dos saberes, que resiste ao esquecimento, mencionando que as rendeiras mais experientes ensinam as mais jovens, muitas vezes ainda crianças de sete a oito anos de idade, transmitindo assim a prática e os conhecimentos. Drummond (2006) explica que essa transmissão de conhecimento envolve certos processos:

O fazer renda, o aprendizado e tudo que representa a experiência vivida e transmitida a outras gerações passam pela observação e o treino, que representam saberes acumulados no cotidiano e nas lutas pela sobrevivência. Esse aprendizado pode ser feito não apenas pelo discurso, mas por rituais, gestos ou outras formas de expressão de uma determinada cultura. (DRUMMOND, 2006, pág. 62).

De acordo com Harari (2018) o ritual é um ato mágico que faz o abstrato virar concreto e o ficcional, real utilizado assim para dar sentido à vida da população. A tradição da renda de bilro para as mulheres se tornou com o passar dos anos uma forma de se conectar com a cultura, de forma ritualística. Borges (2011) argumenta que o artesanato possui um caráter pessoal, pois transmite a singularidade daquele que o produz, ao contrário dos artefatos fabricados por máquinas. De acordo com a autora, os objetos artesanais apresentam imperfeições que carregam consigo cultura e memória. Essas características são responsáveis por agregar valor ao artesanato.

Partido da análise de fotos disponibilizadas em acervos digitais, percebe que as artesãs da Prainha, desenvolvem um estilo próprio para a elaboração da renda. De acordo com Mota (2016), a junção entre a tendência e a tradição agrega valor ao produto, porém o que realmente marca o objeto artesanal é a identidade local e a cultura que se expressa através dele. Por isso,

se faz importante entender a importância no ato de rendar, e todo o ritual que se constrói através disso, as gerações, as histórias e as memórias que são mantidas e repassadas, juntamente asseguradas com a cultura que se mantém apesar do passar das décadas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias construídas ao longo da vida são parte da formação do ser humano, tanto como indivíduo quanto ser social. Diante da transitoriedade do passado e inevitabilidade do esquecimento, discute-se a importância de preservação da memória coletiva para a manutenção cultural de uma sociedade. Ao resgatar e lembrar o passado sob a ótica do presente, a sociedade contribui para a preservação de sua cultura e fortalece laços entre os diversos grupos sociais, construindo identidades coletivas. A memória se torna, dessa forma, uma ferramenta para a compreensão do presente e para a construção de um futuro enraizado em suas influências históricas.

A roupa comunica, de forma não verbal, expressões da individualidade do ser, sendo por assim, um veículo de significação simbólica. Como um objeto vinculado ao corpo, a roupa pode adquirir valor sensível e simbólico, tornando-se marcador de memória. Essa marca, seja ela física ou temporal, contribui para a construção e resgate de fragmentos mnemônicos, carregando histórias pessoais e coletivas, transmitindo valores, identidade e tradições.

Conectando roupa e memória, a renda de bilro cearense representa não apenas um indicador de identidade cultural, mas também um elemento de valor simbólico e comercial. A tradição artesanal se torna um fator distintivo em meio à hibridação das culturas e à padronização das mercadorias.

A tradição da renda de bilro em Aquiraz, é transmitida ao longo das gerações e o processo de aprendizado envolve observação, treino e experiências vividas, transmitidos por meio de rituais e gestos. O artesanato, como dispositivo, cria laços imaginários que conectam as pessoas, promovendo interações sociais e pertencimento ao coletivo. Na Prainha, a renda de bilro é uma importante fonte de renda para as rendeiras locais, além de representar um elemento cultural na região. O artesanato carrega a singularidade das artesãs, fortalecendo os laços culturais das artesãs com a comunidade. Em seu processo de produção, que envolve habilidades manuais e técnicas de entrelaçamento, há um trabalho desenvolvido por artesãos que é intrínseco à construção da memória e da tradição. Assim, torna-se um elemento vivo e dinâmico, transmitindo a história, memórias e tradição.

Portanto, a herança da renda representa resiliência, conexão com a cultura e expressão das experiências de vida das rendeiras traduzidas em arte. A memória se materializa como um

testemunho da história, identidade e luta pela preservação das tradições em meio ao cotidiano, o que proporciona um senso de pertencimento e valorização da ancestralidade.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Julia Melo e MENDES, Francisca R. N. e HELD, Maria Silvia Barros de. **A tradição em fazer renda de bilros: estudo de caso das artesãs da Prainha, Aquiraz – Ce.** IARA : Revista de Moda, Cultura e Arte, v. 4, n. 1, p. 83-110, 2011.

BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael W. **Memória.** Tradução: C. Stolting. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BARROS, J. M. **Cultura, memória e identidade: contribuição ao debate.** Cadernos de História da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 4, n.5, p. 31-36, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A. 1979.

BRUSSI, Julia Dias E. **Da “renda roubada” à renda exportada: a produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses.** Brasília-DF, 2009.

CASTILHO, Katia; MARTINS, Marcelo M. **Discurso da moda: semiótica, design e corpo.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia.** Crítica y Emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, n. 1, p. 53-76, junio 2008.

DALGALARRONDO, P. **A memória e suas alterações.** In Dalgalarrondo, P., Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais (pp. 91-99). Porto Alegre: Artmed. 2000

GAZZANIGA, M. S.; HEATHERTON, T. F. **Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento.** Porto Alegre: Artmed. 2005

HARARI, Yuval. **21 lições para o século 21.** Companhia das Letras, 2018.

KANDEL, E.R., SCHWARTZ, J.H., JESSEL, T.M. **Aprendizado e Memória.** In Kandel, E.R., Schwartz, J.H., Jessel, T.M. Fundamentos da Neurociência e do Comportamento (pp. 519-530). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1997

NORA, P. **Comment écrire l’histoire de France?** In: NORA, P. (Org.). Les Lieux de Mémoire III: Les France 1 conflits et partages.Paris: Gallimard, 1992. pp. 11-32. p. 23.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.



forum das escolas de moda

RAMOS, Arthur. RAMOS, Luiza. **A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil**. Rio de Janeiro: Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948.



SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

ola@grandesite.com.br

SILVA, Tomaz. **A produção social da identidade e da diferença**. Capítulo 2. 2000

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

WESTBURY, C. & DENNETT, D. C. **Mining the past to construct the future: Memory and belief as forms of knowledge**. In D. L. Schacter & E. Scarry (Eds.). Memory, brain, and belief. (pp. 11-32). Cambridge: Harvard University Press, 2000.